



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 - 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 04 – Ano II – 10/2013  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **A relação sujeito-língua: marcas de heterogeneidade nos dizeres de professores nativos de Português Língua Estrangeira**

Prof<sup>a</sup>. MSc. Ingrid Isis Del Grego Herrmann  
Doutoranda em Letras pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP  
Bolsista CAPES - DR/ DLM - FFLCH/ USP  
Universidade de São Paulo - USP  
São Paulo – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/9992527011238666>  
E-mail: [grego.i@usp.br](mailto:grego.i@usp.br)

**Resumo:** Neste artigo, objetivamos realizar uma análise acerca da relação sujeito-língua estrangeira, tomando como viés central as marcas de heterogeneidade que irrompem nos dizeres de professores nativos de Português Língua Estrangeira. O presente estudo é um desdobramento de minha dissertação de mestrado (HERRMANN, 2012), em que representações de língua, professor e aluno para professores nativos de PLE são analisadas. A problemática central reside na questão de que, como discutimos sob uma perspectiva discursiva (ORLANDI, 2001; CORACINI, 2007, BERTOLDO, 2003), ser um nativo de uma língua não garante o gesto direto de seu ensino e a língua que o nativo ensina não parece ser a mesma que aprendeu, já que nela está o atravessamento de diversas representações acerca de língua, ensino e outros, levando à irrupção, em seus dizeres, de marcas de heterogeneidade.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade. Discurso. Português Língua Estrangeira.

## **Apresentação**

Neste artigo, direcionamos nosso foco ao professor de Português Língua Estrangeira (doravante PLE), cujo lugar parece ser de conflito, dada a sua constituição na língua que, aprendida como “língua materna”, é ensinada por eles como “língua estrangeira”, levando-nos ao interesse pela observação de sua relação com essa língua portuguesa. Ressaltamos que os professores entrevistados são nativos de português e, em geral, têm formação e ensinam outra língua estrangeira, caracterizando o ensino do português como uma atividade de ordem acidental. Compreendemos que a relação que mantêm com o português é atravessada por um imaginário sobre língua, língua “materna”, “estrangeira”, ensino, aprendizagem e outros discursos afins. Como consequência, analisaremos as representações mobilizadas pelos sujeitos em seus dizeres sobre língua e sobre o português, com o objetivo de contemplar essa constituição que denominamos conflituosa.

Observamos a língua portuguesa em nosso espaço de enunciação - um espaço no qual o sujeito falante e a língua são interdependentes, heterogêneos, politicamente constituídos (Guimarães, 2002) -, como uma língua em que, no Brasil, há uma constituição que se dá pelo atravessamento de outras línguas que a constituem e habitam nela e nos sujeitos. Porém, para além dessa constituição, em nosso espaço de enunciação, o português é a chamada “língua materna”. No senso comum, seria a língua que vem da mãe, que traz um efeito de conforto, de prazer, associado, ainda no senso comum, ao aconchego e auxílio que a mãe proporciona ao filho, um imaginário de onde parece advir uma apropriação dessa língua, para o sujeito, de “esta é a minha língua”. Há a coincidência, por vezes, de que a língua da mãe seja a língua da nação e, em decorrência, fundem-se designações de língua materna e de língua pátria para a língua portuguesa no Brasil. (GHIRALDELLO, 2002).

Entretanto, esse efeito de conforto não é homogêneo no sentido de abarcar todos sujeitos falantes de uma língua, tampouco abrangente no que tange às ditas “habilidades” de uma língua (por exemplo, se uma pessoa tem uma aparente facilidade na produção oral em sua língua “materna”, isso pode não ocorrer na escrita). Contudo, não podemos deixar de considerar que essa língua constitui o sujeito de alguma forma; talvez não seja a língua da “calmaria” sempre, mas por constituir o sujeito, ela diz a seu respeito.

Pensamos que uma língua estrangeira também se caracteriza de forma análoga; ou seja, também diz a respeito da relação do sujeito com essa língua, que seja de estranhamento e de diferença (GREGO, 2007), ou de pertencimento - vide sujeitos que sentem que a expressão de determinados assuntos somente é possível ou melhor na língua estrangeira - o que também ocorre na literatura, como em obras de Beckett (por exemplo, *Molloy*, *Malone Meurt/ Malone dies*, *L'Innomable/ The Unnameable*- escritas inicialmente em francês e, depois, traduzidas para o inglês, língua “materna” do escritor).

Para o professor de línguas, talvez esta configuração seja ainda mais complexa, pois, se por um lado, há uma constituição dessa língua no sujeito, por outro, a relação que estabelece com ela possui outros contornos a partir da perspectiva que ele toma no gesto de ensino. Em outras palavras, o sujeito que ensina é também o sujeito que fala e ele é perpassado por discursos sobre a língua; já no lugar de professor, é atravessado por dizeres acerca do português para o ensino ou para a aprendizagem; dessa maneira, a sua relação com a língua parece ser diferenciada.

Em síntese, contemplamos o professor nativo de língua portuguesa e que a ensina a estrangeiros, a fim de observar essa relação de uma dita proximidade de constituição da língua “materna” e um dito distanciamento da língua, ensinada como estrangeira.

### Relação sujeito-língua

Apresentamos alguns excertos de duas entrevistas orais realizadas com professores de PLE. Na ocasião de cada entrevista, cumprimos um conjunto de perguntas padrão, porém, às quais, quando se observava a necessidade, eram adicionadas outras perguntas com o objetivo de maior explicitação ou exemplificação por parte dos entrevistados. A primeira pergunta era *Como você aprendeu português?*, a fim de melhor observar a relação de proximidade sujeito – língua. Vejamos os dizeres de uma professora particular de PLE, aqui designada como PP1:

- [1] “E: e como você diria que aprendeu o português?  
PP1: [00:06] [risos] bom né foi **como todos os brasileiros/**  
crescendo né com os meus pais minha família me me ensinando”

Parece haver um efeito de naturalização do saber da língua: é como se todos aprendessem a língua “materna” (que, aqui, é a língua da mãe, do pai, da família) crescendo no território brasileiro e como se esse processo, por assim dizer, fosse simples e igual para todos os sujeitos. Iguale-se a língua da nação com a língua “materna”. Assinalamos que não acreditamos que todos aprendam da mesma maneira e que se relacionem com a língua do mesmo modo, visto que há uma constituição identitária subjetiva, de dimensões históricas e inconscientes e que, portanto, não é possível ser a mesma para todos.

Ainda, ao ser perguntado sobre como aprendeu a língua portuguesa, o sujeito se silencia por alguns segundos e ri - talvez um sinal de reação contra algo inesperado. Isso também parece se passar com outro professor, também professor particular de PLE (PP2), a propósito da mesma pergunta:

- [2] “E: e como você diria que aprendeu português?  
PP2: po-português?  
E: é  
PP2: [00:03] ai/ [00:07] é::: pô **eu tenho que saber** sobre essa pergunta já que **é minha opção** né [risos]”

Inicialmente, chama a atenção o momento em que o professor gagueja ao ser perguntado como aprendeu a língua portuguesa, parecendo implicar que a pergunta não estava adequada e, quando obtém a confirmação de que a pergunta era exatamente a respeito do português, instaura-se o silêncio, um “ai” e um alongamento do “é” sugerindo dúvida e, também, os risos, apontando para um possível nervosismo. Talvez esse nervosismo possa ter levado o sujeito a enunciar um lapso de língua, pois, como sabemos, em território brasileiro, aprender português é institucional, oficial, e não uma opção.

A respeito de lapsos de língua, Fenoglio (2000) assinala que marcadores como (em língua francesa) *euh, pardon, enfin, non, ou* podem constituir-se como “conectores de retificação” (*connecteurs de rectification*) apontando, via língua, para a presença de um lapso. Também, há a possibilidade de que o lapso seja retificado

pela dinâmica de interação da enunciação e, nesse sentido, a autora traz os risos como um exemplo de retificação não materializada verbalmente, mas sim, uma retificação “silenciosa” (*silencieuse*) ou “apagada” (*effacée*).

Os risos em [2] parecem ser “conectores de retificação”, apontando para o “português é minha opção” como um lapso de língua, que se trata, como entendemos, na esteira de Fenoglio, de um “*événement-rupture*”, assinalando que aquela parcela da língua provém de outro lugar e a retificação do lapso marca, simultaneamente, uma hesitação entre a vontade de apagamento daquele enunciado e o retorno ao discurso<sup>1</sup>.

Ao dizer *o português é minha opção*, o professor parece enunciar a partir do próprio lugar de professor, no sentido de que ser professor de língua portuguesa é sua opção, a profissão que escolheu. Trata-se, aí, do ato de enunciar a partir de uma posição-sujeito específica: por várias vezes, os sujeitos respondem às perguntas do lugar de professores e não como sujeitos falantes da língua.

Consideramos que esses efeitos de dúvida e estranhamento podem ter sido trazidos à tona, pois a pergunta, para um brasileiro, acerca de como ele aprendeu a língua portuguesa, sua língua “materna”, gira em torno do aparentemente óbvio, daquilo que “todo mundo já sabe”, ou seja, dos dizeres pré-construídos que circulam. Ora, no imaginário do sujeito, ele aprendeu português da mesma maneira que todos os brasileiros o fazem, “como todos os brasileiros”, como vimos em [1].

Entretanto, a resposta parece, em um primeiro momento, silenciar esse pré-construído de que todos brasileiros aprendemos português igualmente e, em segundo lugar, ao tocar nesse pré-construído dessa forma instala-se um domínio do familiar como estranho: trata-se, como compreendemos, do *unheimlich*, de Freud (1919):

“(…) podemos reunir todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensoriais, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza, e inferir, então, a natureza desconhecida do estranho a partir de tudo o que esses exemplos têm em comum. Direi, de imediato, que ambos os rumos conduzem ao

---

<sup>1</sup> No original, “En ce sens la réctification est intéressante énonciativement dans la mesure où elle marque une hésitation entre une volonté d’effacement de la trace de parole singulière advenue et reconnue que constitue le lapsus et la reprise du discours.” (FENOGLIO, 2000: 2-3)

mesmo resultado: o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. (...)” (FREUD (1919), 1985, p. 238)

Observamos que, em [1], a pergunta parece trazer o familiar (todos brasileiros aprendemos português assim) e instaurá-lo como estranho, levando à dúvida e ao silêncio, ao passo que em [2], além dessas ocorrências, leva ao gaguejar e ao lapso de língua.

Por outro lado, observa-se que os dizeres sugerem não somente a presença do elemento estranho-familiar, mas também, uma pluralidade de sentidos a que o significante “língua portuguesa” pode se referir. A pergunta *Como você aprendeu português?*, assim enunciada, parece abrir para uma multiplicidade de sentidos a que o significante “português” pode fazer referência. E, além da pergunta *Como você aprendeu português?*, quando perguntamos *O que a língua portuguesa significa para você?*, os sujeitos também trazem diversos sentidos acerca do português, como PLE e como sua língua “materna”.

Em primeira instância, essa pergunta, assim como a anterior, aponta para o *unheimlich*, porém, de uma outra ordem, pois não diz respeito a um pré-construído que, de tão familiar, já faz parte do sujeito; a ordem do familiar parece dizer sobre a relação do sujeito com essa língua- uma relação tão constitutiva que ao falar sobre ela, o sujeito parece não saber falar:

- [3] “E: e pra você/ o que a língua portuguesa quer dizer?  
PP2: **a língua portuguesa?**  
E: hum-hum  
PP2: [00:07] ah eu acho que tem um pouquinho a ver com o que eu tava falando/ **é uma sensação** assim de **se sentir em casa sabe?**/ de:: eu tô querendo dizer assim **com relação ao ensino** né/ ensinar português você se sente assim/ **não sei**/ eu me sinto à vontade pra falar da minha própria língua”
- [4] “ah **é gostoso você falar sobre** sua própria língua sabe?”  
(PP3)

PP2 traz novamente a pergunta *a língua portuguesa?* como o estranho, sobre o qual já discutimos. Importa assinalar que, apesar do tempo de silêncio, dos alongamentos de sílaba, da presença do *não sei*, possíveis indícios de nervosismo, dúvida, desconforto, o sujeito enuncia *eu me sinto à vontade pra falar da minha*

*própria língua*, talvez pela força do efeito de pertencimento de *minha própria* língua, como se, por ser “próprio” do sujeito, ele conhecesse bem, completamente e lhe trouxesse conforto- o conforto da língua “materna”, a que já tivemos oportunidade de nos referir.

E mesmo que a pergunta tenho sido a respeito do que a língua significa para ele, como falante de língua portuguesa, ele responde a partir do lugar de professor dessa língua: *eu tô querendo dizer assim com relação ao ensino né-* o que, para nós, sugere uma dificuldade, um não estar confortável para falar sobre a relação com a língua dita “materna”, além do lugar de professor, no qual, como autoridade na língua, ele se sente à vontade.

Parece-nos que no imaginário do sujeito, a língua “materna” é a língua da calma, do *sentir-se em casa*. Porém, ele não parece se dar conta nesse momento de que essa língua de *se sentir em casa* não é suficiente para falar sobre essa mesma língua. Não se trata aqui de uma contradição; entrevemos um sujeito dividido: por um lado, há o enunciado, e por outro há a enunciação; e os seus dizeres o ultrapassam - parte do que ele diz sabe, outra parte diz sem saber. Como assinala Brandão (2004, p.66), “Entendendo o sujeito como efeito de linguagem, a psicanálise busca suas formas de constituição não no interior de uma ‘fala homogênea’, mas na diversidade de uma ‘fala heterogênea que é consequência de um sujeito dividido’. Sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente.” E um inconsciente que, habitado por tantas vozes heterogêneas, aponta seus traços via esquecimentos, lapsos, apagamentos, etc.

Na esteira de Melman (1992), a língua materna é onde há o domínio do relacionamento do sujeito com a mãe e isso atribui significância a essa língua, tornando-a um *heim* para nós. É importante assinalar que é o falante que introduz lapsos, deslizos e tropeços, pois o seu desejo “é sempre desejo de uma coisa diferente do que a língua pode oferecer, uma vez que esta outra coisa está interdita apesar de ter causado o desejo.” (MELMAN, 1992, p. 32). Assim, a língua “materna” relaciona-se com uma dimensão de lapsos, de deslizos – o que, para nós, sugere que sua constituição não seja tão diferente daquela da língua estrangeira, e o que pode ser observado a partir dos estranhamentos apresentados pelos sujeitos entrevistados, suas dúvidas, seus lapsos e seus risos de nervosismo, na procura de encerrar os sentidos em uma unidade que fosse possível.



Desse modo, compreendemos que a língua “materna” não é materna no sentido corrente e imaginário do termo - uma língua de conforto e plenitude -, pois há sentidos interditados, sentidos inscritos em outro lugar. Para nós, esses sentidos estão escritos no inconsciente, na língua do inconsciente: a alíngua (*lalangue*).

Roudinesco, na obra em que traça uma biografia de Lacan, *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento* (1994), conta-nos a respeito do momento em que este psicanalista desenvolve o conceito de alíngua: trata-se de uma brincadeira com o nome de André Lalande, autor de um dicionário de filosofia. Com este termo, ele definia a “articulação do desejo à língua, ou ainda ‘um saber que se sabe na ignorância de si próprio’” (1994: 362).

Fenoglio, no estudo a que já nos referimos (2000), aponta que deslizes como os lapsos, por exemplo, provêm deste lugar:

“Un lapsus, en tant que tel, au moment de son advenue et de son inscription verbale est exclu, par définition, de toute dimension méta-linguistique ou méta-énonciative; il advient depuis l’incommensurable espace nommé par Lacan ‘lalangue’ (...).”<sup>2</sup> (FENOGLIO, 2000, p. 4)

Visto ser da ordem do inconsciente, a alíngua tem as “palavras” para dizer sobre o sujeito, as palavras que se sabe sem sabê-las – como apontou Roudinesco - ; porém, é como se essas não pudessem ser ditas nas línguas “naturais” e, ainda assim, por vezes são ditas, por lapsos, denegações, deslizes, etc. que ultrapassam o sujeito do enunciado. Assim, a “verdade” do sujeito não é toda dita, não é dita por inteiro, mas sim, está lá (na alíngua) quando as palavras faltam (na nossa dita língua “materna”, ou na língua estrangeira):

### **Algumas considerações**

Retomando nossa problemática inicial, de como se dá a relação do sujeito professor de PLE com o português, compreendemos que atravessados por um imaginário a respeito da língua, a configuração da constituição dessa língua nos sujeitos sugere uma regularidade: as imagens dizem sobre a língua no que tange

---

<sup>2</sup> “Um lapso, como tal, no momento em que sobrevem e se inscreve verbalmente é excluído, por definição, de toda dimensão metalinguística ou meta-enunciativa; ele provém do espaço imensurável nomeado por Lacan de ‘alíngua’ (...).” (Tradução minha)



seu possível caráter de língua “materna” para os sujeitos, porém, uma caracterização observada a partir do lugar de professores.

Essas representações apontam um movimento do sujeito para o seu lugar de professor, como quando observamos que o sujeito fala sobre seu ponto de vista de professor, ainda que perguntado sobre sua relação como falante da língua. Para nós, esses dizeres sugerem que, do lugar de sujeito, o estranho se instala, as palavras escapam/ faltam e o dito conforto de uma língua “materna” se esvai; porém, do lugar de autoridade, de sujeito-suposto-saber, seria mais fácil falar, pois desse lugar, ele pode se filiar a diferentes lugares do conhecimento, sendo, desta forma, mais palpável e objetivo.

A partir desta configuração de estrangeiridade da língua “materna” depreendida dos dizeres dos sujeitos, nossa problemática inicial se refaz de uma certa maneira, pois, se essas línguas com as quais temos contato são todas “estrangeiras”, como nos parece, os conflitos desse lugar do professor de PLE podem não estar relacionados à dinâmica de ensinar uma língua “materna” a estrangeiros. Observamos que um lugar de conflito se mantém (ilustrado pela estrangeiridade e corporeidade da língua dita “materna” no sujeito), mas este está para além de uma diferença da língua que se aprende e da língua que se ensina, parecendo estar mais encadeado à subjetividade de cada sujeito. Talvez o que caracterize uma possível diferença, nesse campo, seja a natureza dos estranhamentos ao se ensinar a língua dita “materna” e a língua estrangeira.

### **The relation between subject and language: heterogeneity elements in Portuguese as a Foreign Language teachers' words**

**Abstract:** The current article aims at presenting an analysis of the relation between subject and foreign language, having as its focus Portuguese as a Foreign Language teachers and the heterogeneity elements which arise from their words. This study comes from considerations developed in my Master's dissertation (HERRMANN, 2012), in which representations of language, teacher and student for those teachers are analysed. The main question lies on the argument that, according to a discursive perspective, (ORLANDI, 2002; CORACINI, 2007, BERTOLDO, 2003), being a native speaker of a language does not guarantee the gesture of being its teacher and the

language one teaches does not seem to be the same they learned, for, in such language, there is a constitution of different representations about language, teaching and others, and these may lead to the eruption of heterogeneity elements in their words.

**Keywords:** Heterogeneity. Discourse. Portuguese as a Foreign Language.

## Referências

BERTOLDO, Ernesto S. O contato- confronto com uma língua estrangeira: a subjetividade do sujeito bilíngue. IN: CORACINI, M. J. R. F. (org.) **Identidade & Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 83-118

BRANDÃO, Helena H. N. (1999) **Introdução à análise do discurso**. 2a. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004

CORACINI, Maria J. R. F. *Nossa língua: materna ou madrasta?* – Linguagem, discurso e identidade. In: **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade:** línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. pp. 135-148

FENOGLIO, Irène. (2000) - L'autonymie dans les rectifications de lapsus In : <http://www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/autonymie/theme6/fenoglioil.pdf> (acessado em 06 de setembro de 2013)

FREUD, Sigmund. 1919) O Estranho. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1985, v.12.

GHIRALDELLO, Claudete M. **As representações de língua materna:** entre o desejo de completude e a falta do sujeito. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2002

GREGO, Ingrid I. D. **Português para Nativos de Língua Inglesa**: representações e processos identitários. Trabalho de Iniciação Científica. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/lingles/tgiingridisis.pdf>

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HERRMANN, Ingrid I. D. G. **A fluidez do lugar do professor de Português Língua Estrangeira: uma análise discursiva de dizeres de professores brasileiros em sua relação com o ensino de PLE**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14012013-121942/pt-br.php>

ORLANDI, Eni P. (2001) **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 3a. Ed., 2008

MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Trad. Rosane Pereira. SP: Escuta, 1992

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Trad. Paulo Neves. SP: Companhia das Letras, 1994.

Texto Acadêmico recebido em: 06/09/2013

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review – Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 01/10/2013

Revista Multidisciplinar Vozes dos Vales - UFVJM - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424